



“Socialize sua avaliação deste período de quarentena”.

A pandemia fez com que eu, em poucos dias, revivesse a história das minhas ancestrais mulheres. Cuidar dos filhos, da casa (da comida, da limpeza, etc.). Tudo isso acrescido ao trabalho online, de orientação e supervisão das tarefas escolares dos filhos, a manutenção do trabalho remoto na Universidade. Mas, como esses corpos historicamente foram forjados para a adaptação, isso era apenas parte do trabalho: ainda somos e estamos submetidas à loucura de termos que higienizar tudo; saímos limpando como se com nossa "fragilidade" pudéssemos vencer o vírus, demarcando território: "aqui ele não entra!".

Sabemos, contudo, que essa delimitação transcende a esses territórios, vincula-se novamente a nossa história, a nossa cultura, a nossa educação, a nossa classe social. Assim, a bagagem hereditária e os atributos ambientais dirão se esse vírus irá se territorializar ou não em nosso organismo, assim como sobre a potência dessa territorialização.

Apresenta-se aí o projeto de educação, entre eles, nossa cultura alimentar e que poderá ou não nos ter levado a termos que enfrentar um diabetes, uma hipertensão etc. Que condições econômicas temos para a nossa saúde diante de todos os problemas de desemprego, subemprego a que é submetida a população brasileira e porque não, mundial. Enfim muitas dúvidas, poucas certezas.

Uma esperança: que a humanidade aprenda com essa vivência a lição. E que saibamos identificar que um vírus ainda muito mais perverso paira historicamente em nossas relações. Urge a sua identificação e o seu rechaçamento das nossas relações.

Ane Carine Meurer
Docente – Centro de Educação

Data: 24/06/2020